

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL DE CRIANÇAS

DANIELE DE SOUSA LIMA

Graduanda em Pedagogia UFC. E-mail: danniele.asd@hotmail.com

LIA MACHADO FIUZA FIALHO

Pós-doutorada em Educação UFPB. Professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: lia_fialho@yahoo.com.br

Introdução

O trabalho sempre foi algo natural na vida do ser humano (PIMENTA, 1981, p. 19). Durante os séculos, o que mudou foi a variedade de profissões à nossa disposição, a quantidade de tempo dedicado às atividades profissionais e o produto dos ofícios. Essa mudança histórica pode apresentar viés positivo ou negativo. Ao mesmo tempo em que há diversas opções, uma grande quantidade de pessoas não consegue trabalho e outras nem sequer conseguem sanar a dúvida acerca da melhor profissão a exercer.

Há desde aquelas pessoas nas quais os pais escolhem a profissão até os que, de tanta liberdade que têm, vivem optando por profissões diferentes. E ainda existe os que por não encontram possibilidades de escolha e acabam por exercer o único ofício a sua disponibilidade. Essa decisão profissional é tomada mediante uma série de influências que tentaremos abordar nesse estudo inicial que tem como objetivo realizar uma revisão teórica introdutória sobre os fatores que contribuem e atrapalham a decisão de uma pessoa no que diz respeito à profissão que se quer seguir.

Com o escopo de entender como a inteligência de uma criança se desenvolve e analisar as influências externas que podem refletir na escolha profissional da mesma, realizou-se uma revisão teórica nos estudos de Bruner, Piaget e Guilford, para depois abordar as influências externas – familiar e escolar- que podem refletir nas escolhas da criança, com vistas a compreender como crianças com

idades entre três e oito anos, período que a criança está iniciando o processo de formação de ideias, pode ser orientada na escolha profissional.

A escolha do tema abordado se justifica pelo fato de perceber a grande dificuldade que algumas pessoas têm de decidir qual profissão querem exercer, bem como o desconhecimento de indicação vocacional para crianças desde pequeninas. Para isso, consideramos interessante iniciar o projeto refletindo como a inteligência da criança se desenvolve.

No momento, por se tratar apenas de um estudo de revisão inicial com breves colocações, estamos utilizando algumas pesquisas bibliográficas e hipóteses baseadas em acontecimentos do cotidiano. Posteriormente, pretendemos realizar pesquisas de campo para confirmação ou não das hipóteses, bem como para entender como as teorias disseminadas neste ensaio são desenvolvidas na prática.

O desenvolvimento vocacional e os processos cognitivos

Segundo Pelletier, Noiseux e Bujold (1985), o desenvolvimento vocacional não é algo genético. “É antes considerado como o desenrolar de uma sequência determinada, sequência ditada em boa parte pela estrutura escolar em que vive o indivíduo.” (Pelletier; Noiseux; Bujold, 1985, p. 87). Além da estrutura escolar, a participação da família no processo é fundamental. O desenvolvimento vocacional é a junção de uma série de aprendizados da criança que mais tarde se unirão e comporão a escolha de uma atividade profissional.

Para o desenvolvimento das habilidades intelectuais da criança, é necessário que os processos cognitivos da mesma sejam trabalhados. Alguns estudiosos buscaram compreender esses processos. Ensjaremos luz a alguns estudiosos dessa temática que contribuíram para sua compreensão.

Ênfase da teoria de Bruner

Jerome Bruner é o idealizador da Teoria da instrução e defensor do método da aprendizagem por descoberta. Ele dividiu o aprendizado da criança em três níveis cognitivos chamados: 1- Enativo, que corresponde ao período em que a criança representa o mundo através da ação; 2- Icônico, que corresponde ao período em que a criança já consegue representar os objetos mentalmente; 3- Simbólico, que corresponde ao período em que a criança já consegue representar o mundo através da linguagem.

Bruner também defende o fato de a motivação ser algo intrínseco ao ser humano e que isso é que nos traz o desejo de aprender, mas não anula as recompensas que uma criança pode receber ao atingir determinado grau de crescimento intelectual. Portanto, os educadores devem ajudar a criança, mantendo-a sempre curiosa e explorando alternativas para aprender.

Ênfase da teoria de Piaget

Jean Piaget divide os períodos do desenvolvimento infantil – motor, verbal e mental – em seis estágios: 1- Período Sensorio-Motor, que corresponde ao período em que a criança se baseia naquilo que ela pega/sente; 2- Período Simbólico, que corresponde ao aparecimento da linguagem oral; 3- Período Operatório Concreto, que corresponde ao período de início da formação do pensamento lógico e concreto; 4- Período Operatório Abstrato, que corresponde ao período no qual a criança consegue raciocinar logicamente associando as ideias.

Para Piaget, a inteligência é um mecanismo do corpo que o ajuda a adaptar-se ao mundo exterior (Bello, 1995). O organismo consegue desenvolver-se através de estímulos desse mundo exterior mais o cerne é o amadurecimento das funções biológicas. A

inteligência, dessa maneira desenvolve-se desde exercícios e corresponde à interação com o meio, ou seja, quanto mais interação, maior o estímulo para inteligência, entretanto, sem a maturação biológica, fator primordial, os estímulos serão obsoletos.

Ênfase na Teoria da Estrutura dos Intelectos de Guilford

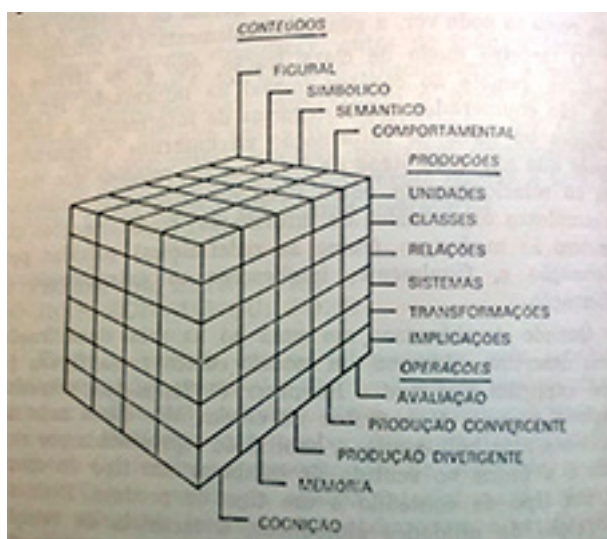
Guilford foi um teórico que se interessou pelo estudo da inteligência e desenvolveu o modelo considerado um dos mais completos dentre os estudiosos de sua época (Pelletier; Noiseux; Bujold, 1985, p. 44). Ele juntamente com alguns colaboradores, da Universidade de Southern, na Califórnia, empenharam-se no “Ap-titude Research Project”. Um projeto de pesquisa que consistiu na elaboração de um modelo morfológico no qual as habilidades são classificadas de três maneiras que, por sua vez, trazem outras sub-classificações. Essas classificações estão listadas a seguir:

- Primeira classificação – denominada de operações, que se subdivide em: cognição: equivale à compreensão, conhecimento; memória: equivale ao conhecimento persistente; produção divergente: equivale à uma informação nova produzida através de uma informação já existente; produção convergente: equivale às conclusões lógicas; avaliação: que consiste em julgar a qualidade do que se conhece ou se produziu.
- Segunda classificação – denominada de produtos, que se expressa pelas unidades: Itens de informações circunscritos e separados; classes: itens de informação; relações: relacionamento entre itens de informação; transformações: mudanças sofridas pela informação; implicações: extrapolação de informações.
- Terceira classificação – denominada de conteúdos, que se divide em figural: informação concreta que pode ser percebida ou imaginada sob a forma de imagens; simbólico: signos, elementos de código (desenhos, números, letras); semântico: significações/in-

formação sob forma de conceitos; comportamental: informações implicadas através de interações humanas.

Combinando as três classificações, Guilford e Hoepfner obtiveram um modelo cúbico representado na imagem abaixo:

Imagem 1 – Modelo cúbico da estrutura do intelecto, segundo Guilford.



Fonte: Extraído da figura 1 de Pelletier, Noiseux e Bujold (1985, p. 46)

Esse modelo é explicado por Guilford e Hoepfner:

(...) o modelo comporta cento e vinte cubos ou células, dos quais cada um representa uma habilidade. A habilidade representada por cada célula é a única no sentido de combinar um tipo de operação, um tipo de conteúdo e um tipo de produto. Pode ser a cognição de unidades simbólicas, a memória de relações semânticas ou a avaliação de sistemas

comportamentais. Como existem cinco categorias de produtos, são possíveis cento e vinte combinações e temos, em teoria, cento e vinte habilidades únicas. (PELLETIER, NOI-SEUX, BUJOLD, 1985, p. 45 – 46).

Os estudos sobre a inteligência ainda existem, contudo, o modelo de Guilford e Hoepfner foi um grande passo para posteriores comprovações.

O papel da orientação no desenvolvimento vocacional

A orientação familiar e a classe social

A família tem um papel fundamental no desenvolvimento vocacional de uma pessoa. Os pais são o primeiro exemplo que os filhos têm. É comum ver a filha usando os vestidos e os saltos da mãe. Igualmente o filho com as roupas de seu pai. Em relação a profissão não é diferente. As atividades laborais paternas influenciam escolhas e são modelos aos filhos pequeninos. Levantamos a hipótese de que a maneira como os pais apresentam as suas profissões, pode influenciar na escolha futura exercida pela criança. Essa hipótese é confirmada no livro “A Natureza dos interesses e a orientação vocacional”:

As pesquisas sobre a relação entre os interesses de pais e filhos são, essencialmente, estudos e comparativos da semelhança de interesses. As conclusões são inferidas da identificação (em parte), da experiência, da hereditariedade, da influência dos pais, a partir dos dados sobre a profissão dos pais ou dos interesses inventariados dos pais e filhos. O meio sociocultural também influi no desenvolvimento dos interesses vocacionais. (MATTIAZZI, 1975. p.34).

Mattiazzi ainda explica que é importante que a família se abra à todas as profissões e ensine para a criança que todos são interdependentes e ressaltando a importância que cada um tem para a sociedade.

Outro fator que influencia a escolha da profissão é a classe social. Levantamos outra hipótese de que uma criança filha de pais bem sucedidos almejam profissões mais rentáveis e não queiram exercer uma profissão que exige menor especialidade com baixa remuneração. Por outro lado, uma pessoa com condições financeiras menos favorecidas, ainda que tenham o desejo de exercer uma profissão mais valorizada do que a de seus pais, desacreditam dessa conquista e se sentiriam felizes em ocupar cargos profissionais nos escalões menos valorizados da sociedade. Mattiazzi trás uma grande contribuição sobre o poder de influência da família:

A família tanto cria oportunidades de experiências através de atividades e informações, como pode limitá-las. Cria e alimenta necessidades e molda os valores dos filhos. Põe à disposição dos filhos recursos ou, ao contrário, priva-os de tais recursos. Assim, pode facilitar ou impedir o acesso a certos campos de interesse. (MATTIAZZI, 1975. p.80).

Embora o contexto no qual Mattiazzi usou essas ideias não seja a classe social, o trecho mostra que as famílias – independente de classe social- influenciam a maneira de pensar dos filhos, e isso inclui a escolha profissional. As famílias têm a opção de escolher entre deixar os filhos livres para decidir ou reprimir os ideais de vida profissional dos filhos.

Ainda outro autor fala sobre as influências dos pais nesse contexto:

É importante entender que tipo de pressão os pais exercem. As pressões podem ser de maneiras mais ou menos sutis, mais ou menos sedutoras. Muitos pais pensam que dialogam com os filhos, quando na realidade têm com eles monólogos sem apartes, e não percebem que tentam direcionar os filhos nos seus discursos. (SPACCAQUERCHE, 2009. p.60).

Importa aos pais trazer suas opiniões para os filhos; esclarecê-los sobre as opções que eles têm, porém, não deve-se manipular

as decisões dos mesmos. O papel dos pais é dar o ponto de partida para as decisões dos filhos; ensiná-los a ser independentes no que diz respeito às escolhas.

A orientação escolar

É notória a influência que a escola tem na formação do ser humano. As famílias, cada vez mais, fazem da escola a responsável pela educação das crianças. A escola tem como obrigação desenvolver a orientação vocacional, ampliar o lastro de liberdade de escolha, fazer com que as crianças sejam independentes no que diz respeito às suas impressões sobre a sociedade e a forma como querem participar dela, ou seja, como querem contribuir para essa sociedade profissionalmente. Para contribuir com a escolha profissional, Lucchiari (1993, p. 87) diz que é importante que as escolas realizem discussões sobre as profissões; trabalhem em pequenos grupos sem esquecer de mostrar a escolha como um ato individual; informem sobre cursos e possibilidades de informações; levem profissionais para conversar com os alunos sobre as características das profissões, pois, a vocação pode ser desenvolvida com aprendizados, e para que haja uma escolha da profissão é necessário que se conheça as opções existentes. Dessa maneira, as crianças terão condições de, conscientemente, escolher a profissão.

Últimas palavras

O estudo possuía a intenção de compreender como a inteligência de uma criança se desenvolve e analisar as influências externas que podem refletir na escolha profissional da mesma. Ao realizar uma revisão teórica nos estudos de Bruner, Piaget e Guilford, observou-se que a motivação é algo intrínseco ao ser humano e, portanto, é necessário que se trabalhe em cima de estímulos para que a criança esteja sempre motivada. Os educadores devem man-

ter a criança sempre curiosa e fazendo-a explorar alternativas para um melhor desenvolvimento cognitivo.

Posteriormente abordou-se as influências externas – familiar e escolar – que podem refletir nas escolhas da criança, com vistas a compreender como crianças com idades entre três e oito anos, período que a criança está iniciando o processo de formação de ideias, pode ser orientada na escolha profissional.

É importante internalizar na criança que sua escolha profissional é uma decisão pessoal. Embora seja necessário que haja intervenções de adultos durante o processo, a criança deverá escolher sozinha, de acordo com os objetivos que quer cumprir durante a vida e de acordo com a satisfação/realização que aquela profissão trará para ela/ele.

Embora abordadas de forma breve, essas teorias responderam de forma satisfatórias algumas das minhas inquietações sobre o assunto. Porém, não quero parar por aqui. Ainda existem algumas lacunas que serão completadas com mais pesquisas sobre o tema. Espero contribuir com minhas pesquisas para ajudar jovens e adultos na escolha da profissão.

Referências bibliográficas

BELLO, J. L. de P. A teoria básica de Jean Piaget , Vitória, 1995. Disponível em: <http://wHYPERLINK> “<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per09.htm>”www.pedagogiaemfoco.pro.br/per09.htm

BARROS, C. S. G. **Pontos de Psicologia Escolar**, 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002. p. 82-90.

PELLETIER, D.; NOISEUX, G.; BUJOLD, C. **Desenvolvimento Vocacional e Crescimento Pessoal**, 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

LUCCHIARI, D. H. P. S.; LISBOA, M. D.; FILHO, K.P. **Pensando e vivendo a orientação profissional**, 2. ed. São Paulo: Summus editorial, 1993.

SPACCAQUERCHE, M. E.; FORTIM, I. **Orientação Profissional**: passo a passo, São Paulo: Paulus, 2009.

MATTIAZZI, B. **A natureza dos interesses e a orientação vocacional**, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

PIMENTA, S.G. **Orientação Vocacional e Decisão**: Estudo Crítico da Situação no Brasil, 2 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1981.